



**“POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”:
SERMÕES SOBRE A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**

**«POR SUS MALAS COSTUMBRES Y CLAMORES, EL MUNDO SE VIO
PERTURBADO»: SERMONES SOBRE LA AMENAZA BÁRBARA EN CARTAGO Y
ARLÉS (437-512)**

**“THE WORLD WAS HARASSED BY YOUR EVIL LIVES AND CLAMORS”:
SERMONS ON THE BARBARIAN THREAT IN CARTHAGE AND ARLES (437-512)**

Paulo Duarte Silva¹
PPGHC-UFRJ
pauloduartexxi@hotmail.com

Resumo

Desde fins do século IV e as primeiras décadas do século V pregadores latinos deram certa atenção às incursões “bárbaras” no Ocidente imperial e pós-romano. De fato, em que pese sua relevância para o debate entre cristãos e “pagãos” na primeira metade dos 400, o Saque de Roma por Alarico não foi o único ao qual bispos dedicaram sermões. Este artigo aborda sermões entregues em contextos de conquista e cerco das cidades sob cuidado dos bispos: nos referimentos aos casos da conquista de Cartago pelos vândalos em 439 e de Arles após o cerco malsucedido por forças franco-burgúndias entre 507 e 508. Estes eventos se relacionaram respectivamente a sermões de Quodvultdeus e Cesário que, dentre outros aspectos, destacam-se pelo tom gráfico dado à violência perpetrada pelos “bárbaros” e a possíveis desdobramentos sociais.

Assim, partindo do entendimento de que, em meio à comoção causada pelos episódios, os sermões buscavam reforçar a posição dos bispos como porta-vozes autorizados de suas cidades, propomos um exame comparativo das similaridades e, sobretudo, das diferenças observadas nestes casos.

Palavras-chave: Pregação – Sermões – Bárbaros – Cartago – Arles

¹ Professor Adjunto de História Medieval da UFRJ. Coordenador do Programa de Estudos Medievais (PEM-UFRJ).

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



Resumen

Desde finales del siglo IV y las primeras décadas del siglo V, los predicadores latinos prestaron cierta atención a las incursiones «bárbaras» en el Imperio occidental y posromano. De hecho, a pesar de su relevancia para el debate entre cristianos y «paganos» en la primera mitad del siglo V, el saqueo de Roma por Alarico no fue el único al que los obispos dedicaron sermones. Este artículo aborda los sermones pronunciados en contextos de conquista y asedio de las ciudades bajo el cuidado de los obispos: en las referencias a los casos de la conquista de Cartago por los vándalos en 439 y de Arlés tras el asedio fallido por las fuerzas franco-burgundias entre 507 y 508. Estos acontecimientos se relacionaron respectivamente con los sermones de Quodvultdeus y Cesario que, entre otros aspectos, destacan por el tono gráfico dado a la violencia perpetrada por los «bárbaros» y las posibles repercusiones sociales.

Así, partiendo de la idea de que, en medio de la conmoción causada por los episodios, los sermones buscaban reforzar la posición de los obispos como portavoces autorizados de sus ciudades, proponemos un examen comparativo de las similitudes y, sobre todo, de las diferencias observadas en estos casos.

Palabras clave: Predicación – Sermones – Bárbaros – Cartago – Arles

Abstract

Since the end of the fourth century and the first decades of the fifth century, Latin preachers have paid some attention to the ‘barbarian’ incursions into the imperial and post-Roman West. In fact, despite its relevance to the debate between Christians and ‘pagans’ in the first half of the 400s, the Sack of Rome by Alaric was not the only one to which bishops delivered sermons. This article addresses sermons delivered in contexts of conquest and siege of cities under the care of bishops: in references to the cases of the conquest of Carthage by the Vandals in 439 and of Arles after the unsuccessful siege by Frankish-Burgundian forces between 507 and 508. These events were related respectively to sermons by Quodvultdeus and Caesarius, which, among other aspects, stand out for their graphic tone regarding the violence perpetrated by the ‘barbarians’ and the possible social consequences.

Thus, based on the understanding that, amid the commotion caused by these episodes, the sermons sought to reinforce the position of bishops as authorized spokesmen for their cities, we propose a comparative examination of the similarities, and mostly the differences observed in these cases.

Keywords: Preaching – Sermons – Barbarians – Carthage – Arles

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



1. Considerações iniciais

O século V EC é frequentemente reputado como ponto de virada na história romana, não somente por grupos migrantes realizarem incursões e subsequentes assentamentos nas províncias ocidentais, mas também pela crescente influência cristã e eclesiástica nos assuntos públicos em geral. Dentre outros desdobramentos, daí resultariam diversos reinos no ocidente pós-romano, sob maior ou menor tutela da Igreja.

Em que pese tal interpretação frequentemente ainda carregar uma conotação pessimista e com ressonância no debate público (Ward Perkins, 2005; Coutinho, 2006), nas últimas décadas os debates liderados por pesquisadores tardoantiquistas² contribuíram para matizar não somente a pecha negativa atribuída aos primeiros séculos medievais (Wickham, 2019: 39-57), mas a própria noção de “crise” atribuída ao referido século. De modo geral, esta passou a ser entendida em termos multifacetados, com diferentes amplitudes e aspectos sincrônicos ou diacrônicos, obrigando estudiosos(as) ainda a questionar que grupos ou instituições atuaram em sua condução, contenção ou mesmo em sua ampliação (Silva, 2019: 15-34; Erdkamp, 2019: 422-465; Watts, 2021).

Com base na pesquisa pós-doutoral recentemente concluída,³ este artigo explora um aspecto colocado em tela a partir do século IV: a saber, a presumida liderança cívica assumida pela Igreja – e, em especial, pelos bispos – em tempos críticos e de resiliência. Aqui, propomos o exame da resposta episcopal a uma ameaça específica: nomeadamente, as incursões “bárbaras”.⁴ Para isso, consideramos a relevância dos sermões perante situações de cerco, de ataque iminente ou de seus desdobramentos imediatos.

A nosso ver, a pregação deve ser considerada em estreita correlação com outros meios “pragmáticos” de gestão deste tipo de crise pelos bispos do período (Rapp, 2005), como o resgate de prisioneiros de guerra, deslocamentos populacionais, desabastecimento, abusos sociais e afins (Allen, Neil, 2013; Neil, Allen, 2020).⁵ Embora dramáticas – e também por isso – tais situações permitiriam que os bispos se empenhassem na definição dos contornos de sua

² Silva (2009: 77-108) oferece uma avaliação geral deste campo de estudos, bem como uma proposta interpretativa global (Morales, Silva, 2020: 125-150). Sobre possíveis restrições à perspectiva ardoantiquista, conferir Silva (2013: 73-91).

³ Intitulado “Preaching in times of crisis: sermons and episcopal management in the West (5th-7th centuries)” e realizado na University of St Andrews entre setembro de 2024 e fevereiro de 2025, sob supervisão do Professor Carlos Machado. Este artigo amplia ainda o escopo de investigação previamente realizada (Silva, 2022: 5-15).

⁴ Cientes dos debates relacionados aos termos “bárbaros” e “germânicos” e suas respectivas implicações (Silva, 2019: 15-34), aqui empregamos o primeiro termo sem, contudo, reforçar a perspectiva civilizatória associada as fontes romanas e/ou cristãs do período. Igualmente, conforme Whelan (2014: 506, n. 6) e Fournier (2017: 687-688, n. 2; 698-99) aos nos referirmos às diversas confissões cristãs do período, optamos pelo uso dos termos “niceno” e “homoiانو” respectivamente em detrimento de “católico” e “arianista”, que costumam ser empregados na documentação analisada – e que apontam para um juízo apologetico ou acusatório.

⁵ E que, segundo as autoras, pode ser verificado especialmente pelo exame das cartas trocadas com outros bispos, membros da administração e da corte imperial, gerais, dentre outros.

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



condição de autoridade e de porta-vozes autorizados dos cristãos nos assuntos públicos.⁶ “Inventados” ou exagerados, tais episódios e as respostas oferecidas pelos bispos dialogaram, de alguma forma, não somente com as escrituras,⁷ mas com as expectativas sociais em relação à sua liderança (especialmente das camadas mais altas, público-alvo das homilias) e suas expressões literárias, artísticas, políticas e monumentais.⁸

É inegável que as campanhas militares promovidas desde inícios do século V chamaram a atenção dos pregadores latinos: dentre outros aspectos, os sermões de Máximo de Turim (m. ca. 423), Pedro de Ravena (m. ca. 450) (Allen, 2018: 135-156) e Leão de Roma (440-461) mostraram, ao menos parcialmente, a repercussão das expedições e seus desdobramentos na península itálica (Salzman, 2013: 295-310; 2014: 182-201). Por sua vez, em uma série de sermões prévios à redação da *Cidade de Deus* (ca. 413-426) Agostinho lidou de modo mais imediato tanto com o afluxo de refugiados do Saque de Roma de 410 quanto com a comoção social e o consequente debate intelectual inflamado por “pagãos” norte-africanos, que contestaram os rumos do Império sob o cristianismo (Brown, 2008: 357-390).

Contudo, nenhum destes apresentou os termos das escaramuças de modo tão gráfico quanto Quodvultdeus e Cesário, respectivamente bispos de Cartago (431?-439) e de Arles (502-542). Como visto a seguir, em que pese as crises terem reservado destinos muito diferentes às suas carreiras, os sermões que lidaram com o cerco e conquista de Cartago pelos vândalos (439) e o malsucedido cerco de Arles por francos e burgúndios (ca. 508-512) expuseram vívidas descrições dos eventos e de outras implicações sociais impostas às cidades e seus arredores.

⁶ Embora a noção de discurso(s) tenha sido definitivamente incluída nos debates sobre a “cristianização do Ocidente” pela historiografia desde meados dos anos 1980 (Brown, 1988; Brown, 1995; Brown, 1999; Cameron, 1991; Markus, 1997; Rebillard, 2013: 1-14), pode-se dizer que os sermões e a pregação não ocupam um lugar privilegiado nestas interpretações. Aqui, partimos do conceito de “porta-voz autorizado”, oriundo das reflexões de Bourdieu sobre discursos em xaque desde os anos 1960 – notadamente, proferidos por poetas, professores e sacerdotes. Em suma, trata-se daquele(a) investido e imbuído de falar em nome de uma coletividade e/ou instituição (Bourdieu, 1996: 85-96; Bourdieu, 1996: 97-106) – neste caso, os bispos, quase sempre responsáveis pela pregação e de quem se esperava ainda a assunção de diversas atribuições pastorais, disciplinares e litúrgicas em nome dos interesses cristãos.

⁷ Seguimos aqui a proposta de Stroumsa (2008: 553-570) que, ao mencionar a ideia de “galáxia escriturística”, cita as escrituras cristãs do período no rol de culturas mediterrâneas e do oeste asiático, contestando frontalmente uma hierarquização com conotações triunfalistas e/ou apologéticas. Aqui, empregamos a Bíblia de Jerusalém (BJ, Gorgulho, Storniolo, Anderson, 2006).

⁸ Inclusive porque, assim como em dias de festa, podiam mobilizar uma audiência mais ampla e diversa do que a habitual. Assim, é preciso atentar aos problemas em dividir a documentação escrita em tipologias mais “retóricas” ou “inventivas”, como sermões e hagiografias (Wickham, 2016: 16), por um lado, e outras que são mais “factuais” ou, pelo menos, “críveis”, como histórias, crônicas e anais, por outro. De uma forma ou de outra, todas devem ser lidas “como guias para o tipo de coisa que poderia acontecer – pelo menos na visão de mundo de seus autores” (Wickham, 2019: 52). Portanto, os sermões, como outros tipos de documentação escrita, têm propósitos expressamente prescritivos, apresentando uma visão ideal da sociedade, baseada em comportamentos e práticas que pareciam corretos – novamente, pelo menos aos olhos de seus autores (Sessa, 2019: 5). Leemans (2018: 3-7) e Rebillard (2018: 87-102) oferecem importantes reflexões recentes sobre o potencial analítico de sermões e homilias do período. A respeito de outras implicações interpretativas sobre o estudo da pregação do período, conferir Silva (2014: 202-230).

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



Neste sentido, é fundamental destacar que os trechos iniciais do principal sermão de Cesário em tela (*sc.* 70) são basicamente similares aos do segundo sermão de Quodvultdeus sobre os “tempos bárbaros” (2TB),⁹ o que permite inferir que o bispo de Arles teve acesso ao menos parcial à prédica do cartaginês.¹⁰

Assim, ao assumirmos a influência parcial do bispo de Cartago sobre o de Arles, propomos um exame comparativo das similaridades e, sobretudo, das diferenças observadas em suas prédicas. A nosso ver, tal análise permite explorar tanto os aspectos recorrentes quanto as nuances que tensionavam suas atuações como porta-vozes autorizados perante sensíveis circunstâncias.

2. Episcopado, crises e sermões em Cartago e Arles (437-512): algumas observações

2.1. Cartago e Arles antes das incursões

Antes de procedermos à análise documental em comparação, consideramos pertinente identificar alguns aspectos acerca da situação dos bispados e as consequências das incursões na trajetória de Quodvultdeus e de Cesário. Sabidamente, Cartago passava por um ciclo de prosperidade desde a segunda metade do século IV, e ocupava uma posição comercial proeminente no Mediterrâneo Ocidental, como entreposto de azeite, cerâmica e vinho destinados especialmente à Roma (cf. Moorhead, 2006: ix, n 2-3).¹¹ Era a sede da principal província da África romana (*Africa Proconsularis*) à época, e situava-se à nordeste e relativamente próxima de *Lambaensis*, capital da província de *Numidia Militiana* que abrigava a *Legio III*, responsável pela segurança regional. Sua posição estratégica permitia o controle de rotas marítimas e terrestres, e sua influência se estendia por uma ampla área conurbada.¹² As

⁹ Conferir anexo.

¹⁰ Neste sentido, Morin (1937: p. 282) e Mueller (1973, p. 230) apontaram a semelhança entre diversas sessões do 2TB e *sc.* 70.1-2, e que seriam esmiuçadas por Braun (1976, p. 509-510). Este notou ainda as similaridades entre trechos do *sc.* 178 e o sermão “contra judeus, arianos e pagãos” de Quodvultdeus (Braun, 1976, p. 510-511), ao quem nem Morin (1953b, p. 721-723) nem Mueller (1973, p. 234) atentaram.

¹¹ Não por acaso, autores como Salzman (2021) e Dey (2021: 33-68) consideram que, em termos demográficos e econômicos, o Saque de Roma em 455 foi muito mais decisivo para o destino da cidade do que o de 410: não somente por ter durado muito mais dias (cerca de duas semanas, em contraste com aproximadamente três dias do primeiro), mas, sobretudo, por assinalar o domínio vândalo sobre o norte africano, a Sicília e a Sardenha: destes provinham recursos estratégicos ao abastecimento da cidade – já prejudicados desde o século anterior pela diminuição de produtos egípcios e sírios aos poucos dirigidos à Constantinopla, então em expansão. Assim, a redução de recursos disponíveis para o sustento da cidade afetou gradualmente sua capacidade de abastecimento (já que paulatinamente restrita aos domínios da aristocracia local na própria península itálica) e, por consequência, sua resiliência perante crises ambientais, militares e de abastecimento. Por sua vez, mesmo com a perda dos mercados romanos, até o século VI EC Cartago parece ter conseguido reorientar – ao menos parcialmente – sua produção a outras praças, como Marselha, e a outras províncias africanas (Leone, 2007: 127-166; Vopřada, 2020: 14-15).

¹² Como se poderia supor, as estimativas populacionais variam bastante. Para o segundo quartel do século V, Lepelley (1981: 48, n. 48) considerou cerca de cem mil pessoas na cidade e trezentas mil considerando os



evidências arqueológicas e literárias dão conta de um expressivo centro cívico, dotado de um porto destacado e de tradicionais edifícios públicos e/ou locais de entretenimento.¹³ Não por acaso, o poeta gálico Ausônio (*Ordo*. 2-3; 1919: 268-269) a reputou como uma das maiores cidade do Império, atrás somente de Roma e como que ladeada por Constantinopla, ao passo que cristãos como Agostinho (*Conf.* 3.1.1-3, 4.7.12, 5.8.14; 1995: 32-4, 54-6, 76-7), e Salviano (*De Gub.* 7.16; 1930: 210-212) reconheceram sua relevância como centro filosófico, retórico e literário.

De fato, mesmo antes da chegada dos vândalos¹⁴ em fins da década de 420, Cartago era o principal palco do efervescente cenário cultural e religioso africano. Além da presença de relevantes comunidades judaicas e maniqueístas e do embate entre cristãos nicenos e donatistas, ao menos até inícios do século V os cultos politeístas tradicionais – ou, como acusavam os cristãos, “pagãos” – tinham adesão considerável entre os membros da elite local.¹⁵

Por sua vez, situada nas duas margens do rio Ródano e servindo como via fluvial à Gália interior e, inversamente, ao Mediterrâneo, Arles ocuparia uma posição econômica e comercial mais relevante ao menos entre séculos IV e fins do VI EC.¹⁶ Em meio à redefinição das províncias e de suas fronteiras promovidas no contexto da Tetrarquia, recebeu distinções administrativas que lhe renderam não somente a alcunha inflada de “Pequena Roma da Gália” pelo mesmo Ausônio (*Ordo*. 10; 1919: 276-277) mas que acirraram as disputas com outras importantes cidades do sul da Gália – como Marselha e Vienne – refletidas de alguma forma na própria cristianização da região observada no período. De fato, no âmbito clerical, mesmo ao contar com o apoio eventual da sede romana ou ao organizar uma rede de aliança monástica responsável por presidir concílios e apontar bispos na região,¹⁷ a cidade não parece ter sido capaz de equiparar sua proeminência administrativa no campo religioso.

arredores. Em contraste com outras cidades do Mediterrâneo e/ou do Ocidente, Cartago foi afetada “tardamente” pelo temor das incursões em andamento: ao que parece, só foi amurada por volta de 425, em meio à crescente pressão vândala (Vopřada, 2020: 17).

¹³ Assim, destaca-se uma sociabilidade expressa política e culturalmente em espaços como o Fórum, o Palácio e o templo à Tríade Capitolina situados na colina Byrsa, bem como o teatro, o Odeon, circos, termas e templos variados. Tal sociabilidade foi alvo de críticas de Agostinho e, apesar das dificuldades, se manteve durante o período de domínio vândalo (ca. 439-534), sendo inclusive parcialmente reforçada durante o domínio bizantino (534-698) (Leone, 2007: Op. Cit.).

¹⁴ Como dito, de confissão homoiana – e pejorativamente chamados de “arianistas” pelos rivais nicenos.

¹⁵ Agostinho dirigiu-se especialmente a esta audiência notória de Hipona e, sobretudo, Cartago em suas primeiras prédicas em resposta à comoção geral com o Saque de 410. Neste conjunto, além do citado Sermão Sobre o Saque de Roma (2012: 37-59), incluem-se os sermões 33A, 15A, 113A, 81, 296, 105 e 25 (1981: 237-250; 495-503; 393-400; 2012: 63-162), entregues nestas e noutras sedes africanas entre 410 e 412 (De Bruyn, 1993, p. 405-421; Fredouille, 1998, p. 439-448; Salzman, 2013: 295-310).

¹⁶ Após tempos de dificuldades econômicas e demográficas vinculadas a desdobramentos da presumida “Crise do século III”. A respeito da crise, conferir a obra organizada por Silva e Antikeira (2021) e, em específico, o capítulo de Carrié (2021: 15-27). Sobre Arles, vale frisar que desde o período de Augusto seu centro cívico foi dotado de edifícios como o Fórum, muralhas, teatro, anfiteatro e circo (Heijmans, Rouquette, Sintès, 2011: 31-37, 130).

¹⁷ Trata-se, aqui, da “facção lerinense” (Mathisen, 1989), assim conhecida por ter no mosteiro de Lérins o centro de estabelecimento da rede de apoio aristocrático e episcopal, de particular relevância no segundo quartel do século

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



A situação da cidade se tornou mais complexa no terceiro quartel do século, quando, após incursões militares, os visigodos sob a liderança de Eurico se estabeleceram no sul da Gália e fixaram ali sua residência (ca. 475). Além de diversos cercos e da própria capitulação de Arles, da destruição das plantações e/ou dos arredores e de possíveis atritos entre a população e os conquistadores,¹⁸ os novos senhores extinguiram a Prefeitura do Pretório e, provavelmente, a Casa de Cunhagem. Ademais, o assentamento visigodo veio a dividir as sedes signatárias de Arles, separadas entre os domínios de Eurico e, por outro lado, de seus rivais burgúndios.

2.2. Os bispados de Quodvultdeus e de Cesário e os desdobramentos das incursões

Embora de datação incerta,¹⁹ o bispado de Quodvultdeus coincidiu com a conquista de sucessivas e cidades e províncias africanas pelos vândalos. Até meados dos anos 420 estes estavam assentados na *Hispania*: ao dominarem técnicas navais, passaram a promover razias dirigidas às ilhas Baleares e à *Mauritania* (425-428). Em seguida, tomando parte nas disputas imperiais, empreenderam avassaladoras campanhas de conquista do ocidente ao centro da África romana.²⁰ A princípio, os vândalos encontraram resistência mais organizada em cidades maiores como Sirte e, sobretudo, Hipona: após um cerco de aproximadamente catorze meses,²¹ a última foi conquistada entre maio e junho de 430, e tornada sua capital na região.²² Finalmente, em fevereiro de 435 um acordo foi firmado entre o imperador Valentiniano III e Geiserico, líder vândalo: ainda que favorável aos últimos, este manteve as províncias de *Africa Proconsularis* e *Africa Byzacena* (e suas respectivas capitais, Cartago e Hadrumentum) sob jugo romano. No entanto, em outubro de 439 Geiserico quebrou o acordo e conquistou Cartago sem enfrentar resistência (Vopřada, 2020: 36-40).

V. Em que pese sua particular relação com a sede de Arles, diversos outros bispos do sul da Gália tiveram a formação prévia na ilha-mosteiro, e sua atuação gerou atritos que levaram à intercessão de Leão, bispo de Roma (440-461), em prol de seus concorrentes.

¹⁸ Embora graves, tais atritos foram de impacto pontual e de curta duração, e sua reverberação mais geral junto aos altos estratos sociais pode ser exemplificada em episódios de exílio episcopais, casos Volusiano de Tours, seu sucessor Vero e, finalmente, de Quintiano de Riez (Klingshirn, 2004: 93-94, 202-208).

¹⁹ Quodvultdeus ascendeu nos quadros clericais de Cartago durante os bispados de seus antecessores Aurelio (391-430) e Capriolo (427/431-439), cujas datações também são problemáticas (Mandouze et al, 1982:104-127, 189-190, 947-949). É possível que, como presbítero, tenha sido correspondente de Agostinho em uma série de cartas (221-224; 1956: 114-119) entre 428 e 429, em que teria solicitado ao bispo de Hipona a redação de uma de suas últimas obras (*Das Heresias*, a quem Agostinho lhe dedicou). Neste caso, pesar da diferença de idade, Quodvultdeus teria não somente o conhecido pessoalmente – e mesmo assistido algumas de suas pregações –, e participado do círculo literário de amigos de Agostinho, que, dentre outros, incluía Possídio, bispo de Calama e seu notório hagiógrafo (Vopřada, 2020, p. 60). As principais divergências sobre a datação de seu bispado são apresentadas por Vopřada (p. 62, n. 35) que, por sua vez, considera que seu bispado sucedeu o de Capriolo (ca. 431-437), tendo se iniciado provavelmente entre 432 e 434 (id, p. 63).

²⁰ Vopřada (2020, p. 35-36, n. 148, 150) apresenta uma atualização parcial do debate sobre a datação e o contingente que cruzou o corrente Estreito de Gibraltar.

²¹ Período que coincidiu com a morte de Agostinho.

²² Não sem antes ter seus muros derrubados (Vopřada, 2020: 36-7, n. 162).

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



Os escritos atribuídos a Quodvultdeus, notadamente os dois sermões a respeito dos “tempos bárbaros” em análise (1TB, 2TB),²³ expressaram uma imagem de desolação também observada em outras denúncias relacionadas à conquista vândala²⁴ que destacaram, em maior ou menor medida, um cenário de desolação abatendo as províncias, as elites e, em especial, religiosos e eclesiásticos. Segundo estes relatos, em paralelo à destruição dos campos²⁵ e cidades, os agressores teriam exilado aristocratas recalcitrantes e/ou confiscado suas propriedades rurais. Quanto ao clero niceno, este sofreria com assassinatos, exílios, sequestros e estupros (no caso das monjas), além do incêndio ou confisco de mosteiros, bens móveis e propriedades eclesiásticas.²⁶

Seria inadequado minorar a violência da conquista dos vândalos, reduzindo-a a meros *topoi* literários. Contudo, é prudente matizar a interpretação historiográfica que lhes atribui o papel de “bad boys” (Ward-Perkins, 2005: 52). Além da frequente maior atenção dos autores (cristãos ou não) aos infortúnios dos altos estratos sociais que, nestas incursões, poderiam perder propriedades e privilégios, o tom gradualmente mais crítico (e mesmo escatológico) das denúncias do clero niceno também expressava a crescente insatisfação de setores da elite aliçados no novo arranjo de poder secular e religioso. Nas palavras de Fournier (2017: 718, tradução nossa) “[a]o testemunharem medidas coercivas, experimentarem o exílio e verem sua

²³ As objeções mais contundentes a respeito da autoria dos escritos atribuídos a Quodvultdeus – em particular, as de Simonetti (1986: 35-39, 412-424) – arrefeceram e, hoje, são consideradas minoritárias: isto se deve, sobretudo, à argumentação de René Braun, responsável pela edição crítica parte da série *Corpus Christianorum Serie Latina*. Contudo, ainda há espaço algum espaço para ceticismo (Whelan, 2021: 149-150). Sabe-se que parte do corpus é ainda considerado espúrio: no entanto, poucos estudiosos contestam a autoria de 1TB e 2TB (ENO, 1989: 153, 160, n. 34-35; Vopřada, 2020: 67-77, 85-90).

²⁴ Dentre outros, em relação ao contexto africano, destacam-se a carta 228 de Agostinho (1956: 141-151) fruto de um tenso debate epistolar sobre a evasão ou permanência episcopal nas cidades travado com os bispos Quodvultdeus – de sede anônima – e Honorato de Thiaba entre 428 e 429), a *Vita Augustini* (c. 28, 1997: 73-76), de autoria do citado Possídio (e que inclui no c. 30.5-51 trechos quase completos da citada carta de Agostinho; 1997: 77-91) e as cartas de Capriolo de Cartago ao concílio de Éfeso (ep. 1.1; 2007: 5-6, 19). Nos anos seguintes, autores como Próspero da Aquitânia, Teodoreto de Ciro, Salviano de Marselha e Idácio expressariam, em maior ou menor medidas, a desolação com os rumos africanos sob domínio vândalo. Em específico, Leão de Roma (ca. 446) atentaria à situação das monjas violentadas durante a conquista (ep. 12.8,11; 2004: 48-57). Em seu conjunto, tais autores se situaram entre a ênfase na denúncia dos habituais “horrores da guerra” – como roubos, estupros, mortes e incêndios (Ward-Perkins, 2005: 13-31; Fournier, 2017: 692, n. 26) – e a condenação da “perseguição vândala aos católicos” e do “martírio” dos últimos sob domínio “arianista”, consolidada, em retrospectiva, na crônica de Victor de Vita (*Hist. Pers.*, 1.1-16; 2006: 3-9; Fournier, 2017: 687-718). Décadas depois, este debate ainda estaria presente na *Vita Fulgenti* comumente atribuída a Ferrando de Cartago (m. 546/547; Moorhead, 2006: 3-4, n. 3).

²⁵ Ainda que com uma conotação moralizante (vista também em Salviano, *De. Gub.* 7.14-17; 1930: 204-213) Quodvultdeus lamentou especialmente a destruição dos produtivos campos africanos (2TB.5.4).

²⁶ Ademais, há indícios de que o clero homoiano associado aos novos soberanos estivesse sendo favorecido por conversões estimuladas por recompensas materiais, sob severa repreensão de Quodvultdeus (TB2. 14.11; TB1. 8.4-14).

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



facção perder terreno, esses escritores [nicenos] desenvolveram uma interpretação cada vez mais polarizada da conquista vândala”.²⁷

O clero niceno de Cartago e seu bispo foram sensivelmente afetados pelo novo arranjo político e eclesiástico. Sabe-se que a cidade teve seus bairros abastados afetados pela instalação de Geiserico e de parte de seu *entourage*. Por sua vez, como porta-voz do grupo em oposição aos vândalos àquela altura, entre outubro de 439 e a primavera ou verão do ano seguinte Quodvultdeus foi enviado à Nápoles, acompanhado do clero menor local (Vopřada, 2020: 65-66). No exílio (onde permaneceria até sua morte, ca. 450-454) produziria ainda o *Liber promissionum et praedictorum Dei* (445-449), em que criticaria ainda mais os vândalos. Quanto ao clero niceno cartaginês, este pode ter sido desprovido de basílicas e mesmo de bispos em favor dos rivais homoianos.²⁸

Por sua vez, os primeiros anos do longo bispado de Cesário (502-542)²⁹ são, presumivelmente, os mais conturbados. Isto não se deve somente à eclosão do confronto entre a coalização franco-burgúndia e seus adversários visigodos no sul da Gália, que levaria ao cerco de Arles entre 507 e 508. Admite-se que o bispo mesmo antes enfrentara não somente alguma animosidade inicial de parte do clero local,³⁰ mas, sobretudo, que as relações com o rei Alarico II fossem atravessadas por relativa desconfiança.³¹

Com a eclosão do conflito e a morte de Alarico II na derrota decisiva visigoda na batalha de Vouillé (verão de 507) (Klingshirn, 2004: 107-108) burgúndios acompanhados de um destacamento franco promoveram o cerco da cidade entre fins do mesmo ano e o outono de

²⁷ Por sua vez, amparadas nas evidências arqueológicas, as interpretações de Leone (2007: Op Cit) e Von Rummel (2010, p. 157-181) contestam a premissa de uma *intencionalidade* destrutiva e ideológica associada especificamente aos vândalos.

²⁸ Segundo Leone (2007: 148-150), em que as evidências arqueológicas não permitirem distinguir templos nicenos de homoianos, os relatos literários (notadamente Vitor de Vita) afirmam que os últimos teriam encampado as principais igrejas e basílicas, além de cemitérios e mosteiros. Ademais, a sede nicena de Cartago teria ficado vaga entre 440 e 454 e entre 457 e 478. É possível ainda que tenham destruído a *basilica Carthagera* – que, àquela altura, talvez sequer fosse usada como templo.

²⁹ O estudo histórico do bispado de Cesário foi decisivamente influenciado pelas investigações seminais de Délage (1971: 13-216) e Klingshirn (2004) que, no entanto, foram, de certa forma, condescendentes com narrativa da *Vita Cesarii* (VC., 1994: 9-65), hagiografia organizada (ca. 549) por cinco clérigos sob a liderança de Cipriano, bispo de Toulon e maior aliado de Cesário. Em que pese sua relevância, pesquisas mais recentes têm buscado problematizar alguns aspectos de sua condição de monumento-documento da facção episcopal de Cesário (Silva, Silva, 2023: 208-233).

³⁰ Ressentido com a intervenção de Eônio, então bispo da cidade e seu aparentado, que apelou à corte visigoda pela indicação como seu sucessor à frente de Arles, buscando consolidar uma efetiva *dinastia episcopal* – algo relativamente comum na Gália do século V em diante (Mathisen, 1989).

³¹ O que não impediu que Cesário auxiliasse na proposição do *Breviarum Alaricii* (ca. 505) e, sobretudo, presidisse o concílio de Agde (506), que reuniu bispos sufragâneos das dioceses sujeitas ao jugo visigodo. Além disso, uma passagem cuja autenticidade está em disputa da hagiografia (VC.I.20) indica que Alarico pode ter garantido imunidades fiscais à igreja e recursos para a libertação de cativos (neste caso, como teria sido garantido por Teodorico, rei dos ostrogodos, após 508 (VC.I.36-42). Dando-se crédito ao relato hagiográfico (sobretudo as duas primeiras acusações de traição, cf. VC.I.21-26; 28-31) nota-se que as suspeitas de conluio do bispo com a coalização rival cresceram em compasso com o acirramento das tensões entre francos, burgúndios e visigodos.

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



508, quando foi suspenso por tropas ostrogodas a mando de Teodorico. De acordo com a hagiografia, durante o sítio dois eventos críticos teriam ocorrido: a destruição do mosteiro feminino, então em construção nos arredores da cidade (VC.I.28), e a denúncia de que Cesário estaria novamente em conluio com as hostes sitiantes.³² Os anos seguintes (ca. 508-512) ao cerco trouxeram não apenas novos governantes – ostrogodos –, mas graves desafios ao bispado de Cesário: em que pese a parte amurada da cidade não ter capitulado (VC.I.34), ele deveria urgentemente se empenhar em reconstruir o mosteiro feminino e sua própria reputação junto à população, ao clero e à corte de Ravena, em meio à devastação de seus arredores e dos campos, à fome e à situação de desabrigados e, sobretudo, cativos de guerra (VC.I.32-33) (Klingshirn, 2004, p. 111-117, 204-205).³³ Foi precisamente neste contexto de cerco e dos anos imediatos à liberação da cidade que Cesário pregou os sermões aqui estudados.³⁴

Uma vez apresentado o ambiente geral associado à pregação de Quodvultdeus em Cartago (439) e de Cesário em Arles (507/508-512), destacamos os sermões elencados neste artigo:

	Sermões	Datação	Observações gerais
Quodvultdeus de Cartago	1TB; 2TB	439?	TB2.4,5,6 ≈ sc. 70.1,2

³² De acordo com a *Vita*, a mais grave das três acusações teria se iniciado após um clérigo compatriota ter se entregado às forças sitiantes, o que levaria uma multidão, incluindo “hereges” e, sobretudo, “judeus”, a acusar Cesário de tentar trair a cidade (estes hereges seriam provavelmente arianistas, cf. VC.II.45). De acordo com o relato, Cesário foi retirado do palácio episcopal e colocado sob custódia no palácio visigodo – sem sucesso, os visigodos teriam tentado retirá-lo da cidade. A suposta descoberta e leitura pública (no fórum) de uma carta de um soldado da guarnição dos judeus propondo um acordo para a entrega da cidade (desde que os judeus fossem poupados) teria levado à condenação e punição do judeu, e à subsequente liberação de Cesário (VCI.28-31). Klingshirn (2004: 108-110) apresenta possíveis motivações para a inclusão deste controverso episódio no relato hagiográfico.

³³ A extensão dos danos a Arles e ao sul da Gália em geral pode ser estimada a partir dos sucessivos apoios financeiro, provisional e de remissão fiscal prometidos por Teodorico entre 508 e 510 (*Variae*, III.32; III.40; III.44; 2019: 145, 149-150, 152). Ele reinstalaria ainda a Prefeitura Pretoriana em 511, apontando Libério como responsável (Klingshirn, 1985, p. 198, n. 108; 2004, p. 114-115).

³⁴ Ao contrário de Quodvultdeus, Cesário soube “gerenciar” a crise e, de fato, tirar grande proveito dela: segundo a hagiografia, por volta de 512, ao se dirigir à Itália para alegadamente se defender de nova acusação de traição, teria conquistado o admirado apoio de Teodorico e de senadores na libertação de cativos (VC.I.36-38). Ademais, a partir do contato com Símaco (498?-514) teria adquirido o apoio de sucessivos bispos romanos, revertendo um ambiente de indiferença e eventual animosidade entre Arles e Roma desde o segundo quartel do século anterior. De fato, até inícios da década de 530 as sucessivas trocas epistolares entre o bispo e a Sede Romana (6, 7a, 7b, 8a, 8b, 9, 10-19, cf. 19; 1994: 78-139), por regra, endossaram as requisições feitas por Cesário, além de o dotarem com distinções simbólicas como a honraria do *pallium*, ou o intitulado como vigário papal nas Gálias. Cesário retribuiu tais benesses ao presidir concílios regionais que, dentre outros, apoiaram Roma em termos doutrinários ou litúrgicos – ainda que nem todos os signatários pudessem ter o mesmo entusiasmo (Klingshirn, 2004, p. 111-146; Silva, 2018, p. 21-43).

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



Cesário de Arles	sc. 6;* 70;* 71 (30.4,6*; 35.4*; 39.1*; 141.2; 146.2*)	507/508-512?	* Associados ao contexto pós-cerco de Arles por Klingshirn ³⁵
------------------	--	--------------	--

Algumas observações devem ser feitas. De fato, trata-se de sermões cuja extensão é bastante discrepante: 1TB e 2TB são consideravelmente maiores do que o conjunto dos sc. elencados. Ademais, em que pese a primeira similaridade a atentar no exame comparativo dizer respeito à descrição gráfica dos “horrores da guerra”, ela não é a única e, como dito a seguir, também deve ser nuançada. Contudo, o cotejo dos sermões permitiu lançar luz sobre diferenças consideráveis que, em maior ou menor medida, mostram a apropriação inventiva de Cesário frente ao 2TB³⁶ e, claro, às demandas de sua própria crise por gerir.

3. *Pregação e crise em comparação: aproximações e distanciamentos*

3.1. *Aproximações: relatos de devastação e o papel dos pregadores*

Como dito, o principal aspecto similar na prédica de ambos é a descrição cruenta das incursões vândalas e franco-burgúndias respectivamente junto a Cartago e Arles (2TB.4-6; sc.70.2). De fato, ambos apontaram muitos desdobramentos dos cercos e saques “bárbaros”: eram paisagens de devastação, inclusive dos campos (sc.6.6; 70.1; cf. 1TB.2.1-11), repletas de morticínio, ruínas, capturas e mortes (TB2.1.3, 2.8, 4.7; 14.3-6).

Que o mundo enfureça, que os amantes do mundo enfureçam, que a espada apavore, que a fome ameace, que a peste devaste, que as doenças abundem, que a morte consuma. Quem nos separará da caridade de deus? Tribulação, ou angústia, ou fomes, ou perigo, ou espada? (2TB.12.2-3).³⁷

³⁵ Além dos sc. indicados por Klingshirn (1985, p. 191, n. 62; 2004, p. 10, 113, 114, n. 19, 204), ampliamos o escopo de análise ao incluirmos outros sc. possivelmente associados ao ambiente pós-cerco, por também exortarem a doação de esmolas para o resgate de cativos ou, inversamente, condenarem a avareza e a ganância dos que se aproveitavam daqueles em dificuldades decorrentes das incursões, como sc. 141.2 e, sobretudo, 71.

³⁶ Indo além de supressões esperadas como as feitas no sc. 70.2, que não incluiu alusão de Quodvultdeus à África e suas regiões (Délage, 1971: 107-108; 2TB.5.4): “Vos alloquitur ueritas, o dilectores mundi: Vbi est, quod amabatis? ubi est, quod pro magno tenebatis? ubi est, quod dimittere nolebatis? **ubi est Africa, quae totó mundo fuit uelut hortus deliciarum?** ubi tot regiones? ubi tantae splendidissimae ciuitates?” (1976: 476-477, grifo nosso). [“A verdade se dirige a vocês, ó, amantes do mundo: onde está o que amavam? Onde está aquilo que mais tinham em grande estima? Onde está aquilo que não queriam abandonar? Onde está a África, que para todo mundo era como um jardim das delícias? Onde (estão) tantas províncias? Onde (estão) tantas cidades esplendíssimas?” (tradução nossa)].

³⁷ “Saeuiat mundus, saeuiant dilectores mundi, terreat gladius, immineat fames, uastet pestilentia, abundant morbi, consumat mors. Quis nos separabit a caritate dei? tribulatio, an angustia, an fames, an periculum, an gladius?”

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



Assim, caberia aos pregadores não somente instruir e exortar os “abatidos na alma” (2TB.1.6,10.1-2; cf. *sc.*70.3;71.3) mas, sobretudo, denunciar os responsáveis pelos infortúnios (2TB.1.6-7). Neste sentido, repreendiam tanto detratores que prefeririam silenciar (1TB.2.1,20; *sc.*70.1) quanto pregadores que falhassem em exortar (1TB.1.17; 2TB.14.3-6) e dizer a verdade (2TB.4.11,5.1-2).

Diante da desolação e de possíveis questionamentos da audiência, Quodvultdeus se deteve muito mais que Cesário nas possíveis justificativas para as adversidades. Para isso, recorreu a boa parte repertório de argumentações na prédica de Agostinho sobre o Saque de Roma e sua repercussão nas províncias africanas.³⁸ Com isso, ao considerar o mundo como ‘lagar’, ‘fornalha’ ou ‘fossa’ (1TB.2.10-11,3.8-9; 2TB.4.11), esperava que a aplicação da ‘medicina divina’ (2TB.1.1, 6,1) permitisse a separação da ‘lama’ e do ‘unguento’ (2TB.4.8-9): em suma, que explicasse o destino dos bons³⁹ e dos maus (1TB.3.1,2,10-11; *sc.*70.1).

Atentos a eventuais imbróglis, ambos condenavam não somente murmúrios e lamentações (1TB.3.12,17; 2TB.3.1; *sc.*70.1) ou demonstrações de ingratidão e blasfêmia (2TB.2.3-4,3.1,6.3,9,7.9-10,10.9; *sc.*70.1). Nostálgicos (1TB.3.21), frequentadores dos espetáculos (1TB.1.11,3.19) e idólatras (1TB.4.11-13;2TB.3.2-5,4.2-5) seriam igualmente repreendidos, fosse por adorarem deuses falsos e falidos (2TB.3.6-7) ou por consultar encantadores e curandeiros (2TB.10.2-3; cf. *sc.*70.1).

No contexto do sítio, ambos ressaltaram a dramática situação feminina: reconhecendo que a violência contra as mulheres era um dos mais sensíveis “horrores da guerra”, os pregadores enfatizaram especificamente a condição de grávidas e mães lactantes, agravada por (ao menos parte delas) pertencerem aos quadros aristocráticos. O ultraje era, assim, tanto maior quanto por subverter as hierarquias sociais: “E especialmente esse poder bárbaro ímpio exigiu de tais mulheres, de que aquela que se sabia ter sido senhora de muitos escravos, se lamentou subitamente ter se tornado escrava barata dos bárbaros” (2TB.5.11; *sc.*70.2).⁴⁰ Outrossim, Quodvultdeus e Cesário sublinharam os abusos impostos às “virgens consagradas” (2TB.6.4; *sc.*70.2),⁴¹ comumente identificadas com o monacato, e que parecem ter escandalizado

(1976: 484). Além da menção a Rm. 8:35 (BJ: 1980) nos dois questionamentos citados, noutros trechos da prédica a devastação foi associada ao Apocalipse (Vopřada, 2020: 283,290): seus versículos foram citados de modo breve (2TB.4.4,5.3; *sc.* 70.1, citando Ap. 22:11; BJ: 2167) e mesmo extensamente (2TB.9.7, citando Ap. 11:15 e Ap. 6:18-27; BJ: 2153, 2149). Contudo, Cesário pareceu preocupado em também em relacionar os lamentos a tribulações menos arrebatadoras, apresentando-as de forma mais genérica (*sc.*70.1,71.1).

³⁸ Conferir nota 15 acima.

³⁹ Tendo como referência ainda os exemplos escriturísticos dos filhos e dos escravos obedientes (1 TB.1.3.13-14).

⁴⁰ Conferir anexo. Presumida testemunha do Saque de 410, Pelágio foi um dos que também expressou tal perplexidade em carta enviada à Demétria, ao lamentar que, em meio à confusão e ao terror generalizados, escravos e aristocratas estivessem na mesma condição (c. 20, ca. 413).

⁴¹ Conferir anexo.

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



especialmente os pregadores e autores cristãos do período como marca da “barbárie” imposta pelos combatentes.⁴²

A nosso ver, a preocupação em destacar a tragédia das mulheres, notadamente da aristocracia e/ou dos quadros monásticos, tem motivações parcialmente distintas. Para Quodvultdeus, a menção a grávidas e lactantes ressoava, provavelmente, os martírios de Perpétua e de Felicidade (1TB.5.2-6,9), comemoradas não só como exemplo feminino contraposto ao de Eva (1TB.5.7-8) mas, sobretudo, em alusão aos novos “martírios” e “perseguições” supostamente impostos pelos vândalos.⁴³ Por sua vez, Cesário pode ter frisado a condição das virgens pelo fato de o cerco ter destruído o claustro em construção erigido “por suas próprias mãos e suor” (VC.I.28),⁴⁴ e, precisamente por isso, para exortar contribuições à sua reconstrução.

Para remediar a situação não somente das mulheres e das virgens, mas de outros que também tiveram suas vidas afetadas pelas incursões, os pregadores atentaram aos cativos de guerra, forasteiros e espoliados em geral (1TB.1.8.14; *sc.* 70;71.2). Deste modo, buscavam repreender a quem teriam se recusado a dividir com os pobres e que, ao cabo, teria seus bens tomados pelos conquistadores e que “(...) se recusou a compartilhar com o despossuído e com o pobre. Você enchia os celeiros, fechava os armazéns, carregava os potes: quando não gastava com os pobres, a quem reservava essas coisas senão aos bárbaros?” (2TB.6.10-11).⁴⁵

Nesta situação, o anti-exemplo cristão que emergia destes sermões era Ananias (1TB.1.3.5; *sc.* 71.1-2), sinônimo de fraudador que teria perdido “igualmente o dinheiro e a salvação” (*sc.* 71-2). Apelando ao retorno da fraternidade apostólica diante das dificuldades, Cesário condenou os que se afastariam desta solidariedade:

Eis a (pior) abundância: por todos os lados há peregrinos e cativos, estranhos buscando esmolas e abrigo. (...). Reconheçam quem é tão desleal a ponto de se recusar a dar mais do que pode de sua riqueza ou posses aos pobres, ou quando inveja as posses alheias. (...). Além disso, se o Senhor nos pede para vender para ter algo para dar aos pobres, em vez disso compramos, ampliando do que talvez tenhamos adquirido injustamente do trabalho alheio. (*sc.* 71.2).⁴⁶

⁴² Em detrimento de um relativo silêncio quanto às violências cometidas contra outras mulheres e mesmo homens – ainda que se considere que a violência contra as monjas possa ter sido um elemento marcial relevante na opressão ou supressão de comunidades sob ataque (Vihervalli, 2022, p. 3-22).

⁴³ Fournier (2017: 705-506, n. 88-89) afirma, inclusive, que ambas foram tema de um sermão precedente do próprio Quodvultdeus. Vopřada (2020: 90, n. 217) contesta a autoria do bispo cartaginês a esta prédica.

⁴⁴ “Manuque propria et sudore construxerat” (1942: 307).

⁴⁵ “communicare cum egeno et paupere noluisti. Horrea implebas, apotecas claudebas, gemellaria onerabas : quando pauperibus exinde non erogabas, quibus ea nisi barbaris reseruabas ?” (1976: 478).

⁴⁶ “Ecce abundant ubique, quod peius est, peregrini, captivi ; abundant et hospites, elemosynam tectumque quaerentes. (...). Agnoscis quia qui nimium tenax est fidem perdit, dum facultatem vel pecuniam aut amplius quam oportet negat indigentibus propriam, aut invidet alienam. (...) et cum vendere iubeat dominus, ut sit quid egenis possit erogari. emimus potius et augemus ex eo quod fortasse iniuste de alieno labore adquisivimus” (1937: 288).

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



Quodvultdeus foi além e criticou ferrenhamente a quem reclamava de perdas e que, ao mesmo tempo, rapinava os bens alheios (2TB.7.9-10,8.1-5; cf. sc. 70.3, 71.1-2). Assim, ambos insistiram na justa esmola, isto é, que não fosse fruto do trabalho ou do aproveitamento da situação de outrem (2TB.8.11; sc. 70.3; 71.2-3; cf. 2TB.11.1-9), tampouco e, decisivamente, dos mortos (2TB.8.7-14, 9.1-6). De modo a estimular uma parte da audiência abastada e, no entanto, pouco afeita à liberalidade, Cesário chegou mesmo a afirmar que o jejum penitencial poderia ser atenuado e mesmo suplantado por doações (sc.70.3; cf. sc.199).

Em um quadro de deslocamentos populacionais massivos, perdas de colheitas, rebanhos e moradias, crises de abastecimento, especulação e de agravamento do banditismo campestre e rural os pregadores exortavam a assistência material que não ampliasse mazelas sociais já saturadas. Necessariamente, como visto na denúncia da violência contra as mulheres (aristocratas), a gestão das crises sociais desencadeadas pelas incursões envolvia diferentes enfoques.⁴⁷

3.2. *Distanciamentos: resgate de cativos e condenação confessional*

Uma das principais diferenças entre os sermões estudados, de certa forma, desdobra-se da defesa das esmolas como meio de mitigação social. Neste caso, observa-se uma ênfase por parte de Cesário no uso de doações e recursos da igreja para o resgate de cativos ou prisioneiros de guerra nos desdobramentos do cerco de Arles. Embora o resgate de cativos já fizesse parte do repertório de ações públicas episcopais desde o século V, Cesário se destacou por, ao menos, três aspectos: pela recorrência com que vinculou a doação de esmolas a estes destinatários (sc. 30.4,6; 35.4; 39.1; 71.2; 141.2; 146.2), por exercer tais resgates em cidades fora de sua jurisdição diocesana e, sobretudo, por defender o resgate inclusive de prisioneiros das forças sitiadas (VC.I.32-33). Segundo Klingshirn (1985: 183-203; 2004: 113-117) o bispo visava, dentre outros objetivos, ampliar o alcance social e geográfico de sua rede patronal, no intrincado cenário político/militar e diocesano do sul da Gália. Para isso, contou com o provável apoio de reis rivais como Teodorico (VC.I.36-42) e Gundobado (VC.II.8-9).⁴⁸ No entanto, isto não o impediu de apelar a figuras abastadas de sua audiência, apresentando o resgate de cativos como uma das ações preferenciais de caridade:

Deixe um homem mau pegá-lo [o ouro]: que você acha que ele fará com ele? Ouça: ele oprime inferiores, suborna juízes, derruba leis e perturba os assuntos humanos. Por quê? Porque um homem mau tem o ouro. Deixe um homem

⁴⁷ Como dito, por meio do exame de vastos *corpora* epistolares episcopais, a citada obra de Allen e Neil (2013: 37-53, 171-180) evidenciou a desigual atenção conferida pelos bispos aos dramas de membros da aristocracia – empobrecidos, capturados, em apuros com autoridades – ou, inversamente, do “povo”.

⁴⁸ Além de Símaco, citado bispo de Roma e que, ao que parece, foi considerado como defensor dos pobres em sua própria cidade (Klingshirn, 1985: 198).

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



bom tê-lo [ouro]: o que ele fará com ele? Ouça: ele alimenta os pobres, veste os nus, liberta os oprimidos, resgata os cativos (*sc.* 141.2).⁴⁹

Presume-se que tal prática tenha gerado animosidade, não somente por ser feita às custas de parte do patrimônio da própria igreja arlesiana, mas, em especial, por poder se dirigir a grupos outrora sitiados, com os quais a população de Arles mantinha relações de provável hostilidade.⁵⁰ Não por acaso, em dois trechos de um conjunto de sermões sobre o ‘amor pelos inimigos’ (*sc.* 35-39, destinados inclusive ao clero da cidade) ele correlaciona o resgate ao perdão dos adversários: “Mesmo que um pobre quisesse se desculpar por não poder alimentar o faminto, vestir o nu ou libertar o cativo, ele não poderia de forma alguma dizer que não pode perdoar seus inimigos ou adversários” (*sc.* 39.1).⁵¹ Ainda que concordemos com Klingshirn (1985: 203) na compreensão desta defesa predical do resgate de cativos nos termos sociais e pastorais do tempo de Cesário, é importante recordar que incluir inimigos dentre os beneficiários da caridade foi algo a princípio inédito e arriscado. É possível que Quodvultdeus se surpreendesse com esta atitude, dada as enérgicas e abertas críticas que fez aos conquistadores vândalos, por sua ferocidade, mas, particularmente, por sua confissão dita “arianista”.⁵²

O bispo de Cartago os nomeou “leões heréticos” (2TB.13.3;14.7-8), cujas bocas ameaçavam ovelhas desgarradas (2TB.13.6-11) sob os cuidados dos pastores/pregadores. Em sua invectiva, Quodvultdeus os acusou de se considerarem perfeitos (2TB.10.8-10; cf. 1TB.1.3.3) e, como dito, promoverem subornos e tramoias para sua conversão, culminantes em cerimônias de rebatismo (2TB. 14.11;1TB. 8.4-14). No exame sucessivo de 1TB e 2TB é possível inclusive perceber uma escalada na violência retórica, condizente com o alinhamento do bispo cartaginês com o argumento de “guerra sagrada” introduzido pela epístola 228 de Agostinho (Fournier, 2017: 697). Assim, Quodvultdeus concluiria sua prédica 2TB.14 conclamando a morte dos “leões” por intermédio de Davi, ele próprio rei e pastor:⁵³

E quem é que diz opróbio(s) contra o exército do deus vivo? O soberbo ariano. Qual opróbio(s) diz contra o exército do deus vivo? Diz ser menor [do que é] o filho do deus vivo. O que é grande, oh, soberbo ariano? Você se parece com [aquele] Golias. (...). Estas virtudes de Deus e sabedoria de Deus, tornam a pedra angular, colocada na funda da carne, apertada pela mão forte [de Davi],

⁴⁹ “Ecce aurum. Tollat illud malus homo : putas quid inde facit ? Audi quid : inferiores opprimunt, iudices corrumpunt, leges evertunt, res humanas turbant. Quare sic ? Quia malus homo habet aurum. Habeat illud bonus homo : quid inde faciet? Audi quid : pauperes pascit, nudos vestit, opressos liberat, captivos redimit” (1953a: 581).

⁵⁰ Sem contar a insatisfação de outras sedes com a ingerência de Arles por meio do resgate.

⁵¹ “Si se pauper quisque voluerit excusare, quod esurientem pascere, nudum vestire, captivum liberare non possit, nullatenus in veritate poterit dicere, non posse suis inimicis vel adversariis indulgere” (1937: 164-165, ver ainda 30.4,6).

⁵² Vopřada (2020: 282-290) oferece uma perspectiva geral das críticas de Quodvultdeus aos ‘arianistas’ ou, como preferimos, homoianos. A julgar por sua prédica catequética, o bispo de Cartago os teria considerado um perigo maior que judeus e donatistas – não somente por seus subornos e rebatismos, mas também por eventuais linhas tênues doutrinárias que os separariam dos nicenos.

⁵³ Munido, por sua vez, das cinco pedras lisas do Pentateuco (2TB. 14.10-11).

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



e [que] superou o Platão docente, e confundiu o Cícero eloquente, e derrubará o ariano rebatizante. Amém. (2TB.14.6,7,11).⁵⁴

Os trechos 2TB.4-6 encontrados em grande parte no *sc.70* não mencionavam diretamente os “arianistas”. É possível que Cesário só tenha tido acesso a este trecho específico, que frisava a ferocidade “bárbara” na conquista de Cartago. Contudo, o contraste entre a denúncia de Quodvultdeus aos “leões” e o silêncio da pregação do bispo de Arles sobre questões de doutrina pode ser considerado estratégico. Em primeiro lugar, porque as tropas envolvidas no cerco ou na sua suspensão poderiam ser homoianas, nicenas ou ‘pagãs’.⁵⁵ Além disso, apesar de alguns reveses para Cesário,⁵⁶ o domínio ostrogodo não parece ter rearranjado a situação política e clerical de modo tão drástico quanto no caso cartaginês.⁵⁷ Ao contrário: embora homoiano, Teodorico aparentemente se preocupou em construir boas relações com as lideranças de Arles.⁵⁸ O entendimento desta situação pode ter contribuído para o silenciamento de Cesário nos *sc.* analisados, mas também para a discreta crítica ao ‘arianismo’ na sua prédica em termos gerais.⁵⁹

4. Considerações finais

Quando estudado, o tema da pregação latina sobre as incursões bárbaras continua ainda muito vinculado ao estudo do Saque de 410 e das respostas de Agostinho de Hipona e, eventualmente, de Leão de Roma ao episódio. Buscando ampliar as reflexões, este artigo colocou outros dois eventos que tiveram repercussão ao menos regional: a saber, a conquista de Cartago (439) e o cerco de Arles (507-508).

⁵⁴ “Et quis est qui obprobrium dicit aduersus exercitum dei uiui? Minorem dicit esse filium dei uiui. Quid magnum, Arriane superbe? Similitudinem geris illius Goliae. (...) Haec dei uirtus et dei sapientia, lapis angularis effectus, in fundibalo carnis collocatus, manu forti expressus, et Platonem superauit docentem, et Ciceronem confudit tonantem, et Arrianum prosternet rebaptizantem. Amen.” (1976: 486).

⁵⁵ Homoianos: burgúndios, visigodos e ostrogodos; nicenos: franco; ‘pagãos’: grupos francos ainda não convertidos ao cristianismo niceno (Klingshirn, 1985: 190). Por outro lado, deve-se lembrar que, embora anteriormente premido pelas disputas entre donatistas e nicenos e, da década de 420 em diante, pelo embate entre nicenos e homoianos, o ambiente religioso de Cartago continuava diverso e efusivo.

⁵⁶ Como a destruição do mosteiro e o presumido desconforto de parte do clero e dos cristãos em geral com o resgate de cativos inimigos.

⁵⁷ Que, de toda forma, embora oscilante, já tinha sido estabelecida décadas antes (desde 475) e que, se tomarmos o concílio de Agde (506) como referência, indicavam um ambiente de crescente entendimento entre os bispos e Alarico (Klingshirn, 2004: 97-104).

⁵⁸ Vide as sucessivas ajudas que ofereceu para a recuperação de Arles e a própria reinstalação da Prefeitura do Pretório em Arles após 510, ocupada pelo patrício Libério, um dos membros da elite local reputados no relato hagiográfico como aliados de Cesário, assim como sua esposa Agrícia (VC.II.10-13).

⁵⁹ A nosso ver, mais associada a propósitos instrutivos e/ou catequéticos (Silva, 2011: 101-124). Tal descrição a respeito das confissões e da nomeação dos “bárbaros” pode ser verificada inclusive no relato hagiográfico (VC.I.30; II.10-12). Quanto aos monarcas, percebe-se que, salvo no contexto das duas primeiras acusações, não há na Vmenção direta às suas respectivas confissões (nem sequer a Quildeberto, rei franco niceno quando da divulgação do relato (VCI.34; cf. VC.II.45).

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



Para isso, analisamos os sermões de Quodvultdeus e de Cesário indo além do tratamento anedótico que a historiografia costuma lhes atribuir, como exageradamente moralistas e/ou hiperbólicos quanto aos “horrores da guerra” no período. Ao considerarmos que, como (auto-)proclamados porta-vozes autorizados, os pregadores contavam, dentre outros meios, com os próprios sermões na busca pela resolução das crises oriundas das incursões, investigamos eventuais aproximações e distanciamentos em suas prédicas – que, de toda forma, não podem ser interpretados de forma reducionista e teleológica, à luz dos desfechos completamente distintos reservados a Quodvultdeus e Cesário.

Neste caso, se podem ser aproximados na descrição da ferocidade e no empenho na resolução das mazelas sociais (ainda que com um olhar certamente mais preocupado a grupos específicos, como as virgens consagradas), nota-se que o bispo de Cartago foi ainda mais contundente na condenação dos “bárbaros”, articulando sua presumida brutalidade a sensíveis questões doutrinárias. Por sua vez, atento aos desdobramentos do cerco de Arles e, apesar de tudo, ainda no poder, Cesário pode ter buscado enquadrar sua crítica – inclusive para ampliar suas chances de permanecer como bispo e, se possível, ampliar suas bases de apoio.

DOCUMENTAÇÃO ANTIGA E MEDIEVAL IMPRESSA

Agostinho de Hipona. (2012). *O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma* (C. Urbano, Trans.). Coimbra University Press.

Aurelius Augustinus Hipponensis. (1981). *Sermones (1º)* (M. Fuentes Lanero & M. Maria Campelo, Eds. & Trans.). Biblioteca de Autores Cristianos.

Augustine of Hippo. (1956). *Letters* (Vol. 5, 204–270; S. Parsons, Trans.). Catholic University of America Press.

Ausonius, D. M. (1919). *Ordo urbium nobilium* (H. White, Ed. & Trans.; pp. 268–285). Harvard University Press.

Bíblia de Jerusalém. (2006). (G. Gorgulho, I. Storniolo, & A. Anderson et al., Coords. & Trans.). Paulus.

Caesarius Arelatensis. (1937). *Sermones* (Vol. 1; G. Morin, Ed.). Abbaye de Maredsous.

Caesarius Arelatensis. (1953a). *Sermones* (Corpus Christianorum Series Latina, Vol. 103; G. Morin & C. Lambot, Eds.). Brepols.

Caesarius Arelatensis. (1953b). *Sermones* (Corpus Christianorum Series Latina, Vol. 104; G. Morin & C. Lambot, Eds.). Brepols.

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



Caesarius of Arles. (1956–1973). *Sermons* (M. Mueller, Trans.; Vols. 31, 47, 66). Catholic University of America Press.

Caesarius of Arles. (1994). *Letters*. In W. Klingshirn (Trans.), *The life, testament and letters of Caesarius of Arles* (pp. 78–139). Liverpool University Press.

Capreolus of Carthage. (2007). *Letters on the Councils of Ephesus* (D. Curtin, Trans.). Dalcassian Publishing.

Cassiodorus. (2019). *The Variae: The complete translation* (M. Bjornlie, Trans.). University of California Press.

Cyprian of Toulon et al. (1994). *The life of Caesarius*. In W. Klingshirn (Trans.), *The life, testament and letters of Caesarius of Arles* (pp. 9–65). Liverpool University Press.

Cyprianus Tolonensis et al. (1942). *Vita Sancti Caesarii*. In *Caesarii Arelatensis opera varia* (Vol. 2, pp. 296–345; G. Morin, Ed.). Abbaye de Maredsous.

Leo the Great. (2004). *Letters* (E. Hunt, Trans.). Catholic University of America Press.

Pelagius. (413). *Letter to Demetrias*. <https://epistolae.ctl.columbia.edu/letter/1296.html>

Possídio de Calama. (1997). *Vida de Santo Agostinho* (Monjas beneditinas, Trans.). Paulus.

Quodvultdeus of Carthage. (1976). *Opera quodvultdeo tributa* (R. Braun, Ed.). Brepols.

Salvian. (1930). *On the government of God* (E. Sanford, Trans.). Columbia University Press.

St. Augustine. (1955). *Confessions* (Books I–VIII). Great Books Foundation.

Victor of Vita. (2006). *History of the Vandal persecution* (J. Moorhead, Ed. & Trans.). Liverpool University Press.

REFERÊNCIAS GERAIS

Allen, P., & Neil, B. (2013). *Crisis management in Late Antiquity (410–590 CE): A survey of the evidence from episcopal letters*. Brill.

Allen, P. (2018). Impact, influence, and identity in Latin preaching: The cases of Maximus of Turin and Peter Chrysologus of Ravenna. In A. Dupont, S. Boodts, G. Partoens, & J. Leemans

Paulo Duarte Silva

POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)



(Eds.), *Preaching in the patristic era: Sermons, preachers, and audiences in the Latin West* (pp. 135–156). Brepols.

Bourdieu, P. (1996). A linguagem autorizada: As condições sociais da eficácia do discurso ritual. In P. Bourdieu, *A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer* (pp. 85–96). Edusp.

Bourdieu, P. (1996). Os ritos de instituição. In P. Bourdieu, *A economia das trocas linguísticas: O que falar quer dizer* (pp. 97–106). Edusp.

Brown, P. (1988). *Power and persuasion in Late Antiquity: Towards a Christian empire*. University of Wisconsin Press.

Brown, P. (1995). *Authority and the sacred: Aspects of the Christianisation of the Roman world*. Cambridge University Press.

Brown, P. (1999). *A ascensão do cristianismo no Ocidente*. Presença.

Brown, P. (2008). *Santo Agostinho: Uma biografia*. Record.

Cameron, A. (1991). *Christianity and the rhetoric of empire: The development of Christian discourse*. University of California Press.

Carrié, J.-M. (2021). Prefácio: Século III, algumas reflexões para sair da “crise”. In S. Silva & M. Antikeira (Eds.), *O Império Romano no século III: Crises, transformações e mutações* (pp. 15–27). Desalinho.

Coutinho, J. (2006, 29 de março). Roma e Pavia desfizeram-se um dia. *Folha de S. Paulo*.

De Bruyn, T. (1993). Ambivalence within a “totalizing discourse”: Augustine’s sermons on the sack of Rome. *Journal of Early Christian Studies*, 1(4), 405–421.

Delage, M.-J. (1971). Introduction. In M.-J. Delage (Ed. & Trans.), *Césaire d’Arles: Sermons au peuple* (Vol. 1, pp. 13–216). Cerf.

Dey, H. (2021). *The making of medieval Rome: A new profile of the city, 400–1420*. Cambridge University Press.

Eno, R. (1989). Christian reaction to the barbarian invasions and the sermons of Quodvultdeus. In D. Hunter (Ed.), *Preaching in the patristic age* (pp. 139–161). Paulist Press.

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



- Erdkamp, P. (2019). War, food, climate change, and the decline of the Roman world. *Journal of Late Antiquity*, 12(2), 422–465.
- Fournier, É. (2017). The Vandal conquest of North Africa: The origins of a historiographical persona. *Journal of Ecclesiastical History*, 68(4), 687–718.
- Fredouille, J.-C. (1998). Les sermons d’Augustin sur la chute de Rome. In G. Madec (Ed.), *Augustine prédicateur (395–411)* (pp. 439–448). Institut d’Études Augustiniennes.
- Heijmans, M., Rouquette, J.-M., & Sintès, C. (2011). *Arles antique*. Éditions du Patrimoine.
- Klingshirn, W. (1985). Charity and power: Caesarius of Arles and the ransoming of captives in sub-Roman Gaul. *Journal of Roman Studies*, 75, 183–203.
- Klingshirn, W. (2004). *Caesarius of Arles: The making of a Christian community in late antique Gaul*. Cambridge University Press.
- Leemans, J. (2018). Religious literacy and the role of sermons in late-antique Christianity. In A. Dupont, S. Boodts, G. Partoens, & J. Leemans (Eds.), *Preaching in the patristic era* (pp. 3–7). Brepols.
- Leone, A. (2007). The Vandal period (429–534): Changing townscapes. In A. Leone, *Changing townscapes in North Africa from Late Antiquity to the Arab conquest* (pp. 127–166). Edipuglia.
- Lepelley, C. (1981). Karthago. In C. Lepelley, *Les cités de l’Afrique romaine au Bas-Empire* (Vol. 2, pp. 11–53). Études Augustiniennes.
- Mandouze, A., et al. (1982). *Prosopographie du Bas-Empire: Vol. I. Afrique (303–533)*. CNRS.
- Markus, R. (1997). *O fim do cristianismo antigo*. Paulus.
- Mathisen, R. (1989). *Ecclesiastical factionalism and religious controversy in fifth-century Gaul*. Catholic University of America Press.
- Neil, B., & Allen, P. (2020). *Conflict and negotiation in the early church: Letters from Late Antiquity*. Catholic University of America Press.
- Rapp, C. (2005). *Holy bishops in Late Antiquity: The nature of Christian leadership in an age of transition*. University of California Press.
- Rebillard, É. (2013). The “conversion” of the empire according to Peter Brown. In É. Rebillard, *Transformations of religious practices in Late Antiquity* (pp. 1–14). Ashgate.

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



Rebillard, É. (2018). Sermons, audience, preacher. In A. Dupont et al. (Eds.), *Preaching in the patristic era* (pp. 87–102). Brepols.

Salzman, M. (2013). Memories and meaning: Pagans and 410. In J. Lipps, C. Machado, & P. von Rummel (Eds.), *The sack of Rome in 410 AD* (pp. 295–310). Reichert.

Salzman, M. (2014). Leo the Great: Responses to crisis and the shaping of a Christian cosmopolis. In C. Rapp & H. Drake (Eds.), *The city in the classical and post-classical world* (pp. 182–201). Cambridge University Press.

Salzman, M. (2021). *The falls of Rome: Crises, resilience, and resurgence in Late Antiquity*. Cambridge University Press.

Sessa, K. (2019). *Daily life in Late Antiquity*. Cambridge University Press.

Silva, P. (2011). As heresias nos sermões de Cesário de Arles. *Plêthos*, 1, 101–124.

Silva, P. (2013). O debate historiográfico sobre a passagem da Antiguidade à Idade Média. *Signum*, 14, 73–91.

Silva, P. (2014). Sermões e pregação no Ocidente medieval (séculos IV–VI). *Territórios e Fronteiras*, 7, 202–230.

Silva, P. (2018). *Secundum statuta canonum*: Poder e memória nos concílios do sul da Gália (524–529). *Opsis*, 18, 21–43.

Silva, P. (2019). O fim do Império Romano, as migrações e a formação dos reinos bárbaros. In P. Silva & R. Nascimento (Eds.), *Ensaio de História Medieval* (pp. 15–34). CRV.

Silva, P. (2022). “Ó, o infortúnio do gênero humano”: Pregação em tempos de crise. *Mosaico*, 15, 5–15.

Silva, P., & Silva, J. (2023). Transformação urbana, episcopado e hagiografia em Arles. *Romanitas*, 22, 208–233.

Silva, S., & Antikeira, M. (Eds.). (2021). *O Império Romano no século III*. Desalinho.

Silva, U. (2009). Antiguidade tardia como forma da História. *Anos 90*, 13(30), 77–108.

Simonetti, M. (1986). *La produzione letteraria fra Roma e barbari (secc. V–VIII)*. Institutum Patristicum Augustinianum.

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



Stroumsa, G. (2018). The scriptural galaxy of Late Antiquity. In J. Lössl & N. Brian-Baker (Eds.), *A companion to religion in Late Antiquity* (pp. 553–570). Wiley-Blackwell.

Vihervalli, U. (2022). Wartime rape in Late Antiquity. *Early Medieval Europe*, 30(1), 3–19.

Von Rummel, P. (2010). The archaeology of the fifth century. In P. Delogu & S. Gasparri (Eds.), *Le trasformazioni del V secolo* (pp. 157–181). Brepols.

Vopřada, D. (2020). *Quodvultdeus: A bishop forming Christians in Vandal Africa*. Brill.

Ward-Perkins, B. (2005). *The fall of Rome and the end of civilization*. Oxford University Press.

Watts, E. (2021). *The eternal decline and fall of Rome*. Oxford University Press.

Whelan, R. (2014). African controversy. *Journal of Ecclesiastical History*, 65(3), 504–521.

Whelan, R. (2021). Review of *Quodvultdeus* by D. Vopřada. *Journal of Ecclesiastical History*, 72(1), 149–150.

Wickham, C. (2016). The comparative method and early medieval religious conversion. In R. Flechner & M. Ní Mhaonaigh (Eds.), *The introduction of Christianity into the early medieval insular world* (pp. 13–37). Brepols.

Wickham, C. (2019). *O legado de Roma: Iluminando a Idade das Trevas, 400–1000*. Editora da Unicamp.

ANEXO – Trechos similares 2TB e sc. 70

(Morin, 1937: 282-285; Braun, 1976: 476-478, 509-510)

(entre **chaves**, itens presentes somente em 2TB; entre **colchetes** as alterações de sc. 70)

2TB	sc. 70	Trecho latino	Tradução
4.7-8	1	Non enim est iniquus deus, qui infert iram: uestris enim malis moribus atque clamoribus exagitatus est mundus. Et ista exagitatione malorum atque bonorum, sicut cenum atque unguentum, pari quidem exagitatum motu, illud exhalat, hoc suauiter flagrat.	Pois não é injusto um Deus que inflige (a) ira: por seus maus costumes e clamores o mundo foi perturbado. E esta agitação dos maus e dos bons, como a lama e o unguento, também igualmente de tal modo agitados, aquela (lama) seca, esta queima suavemente
4.10-11	1	Hanc [hoc] infideles credere noluerunt, et amore huius uitae obligati, nec istam tenere potuerunt, et illam per infidelitatem	[N]esta (vida) os infiéis não quiseram acreditar, presos pelo amor a esta vida (terrena), mesmo assim não conseguiram

Paulo Duarte Silva

POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)



		amiserunt. Quid facitis, quid agitis {, o lugendi?} Nonne urguetur mundus ? Vrguemini etiam et uos, dilectores mundi, ut exeatis, atque ad illud ueniat, quod videre non uultis, sed necesse est ut uideatis.	mantê-la, e a perderam por infidelidade. O que fazem, o que empreendem, ó, pessoas dignas de lamento? O mundo não está pressionado? Comprimam também e vocês, amantes do mundo, de modo que saiam e venham para aquilo que não desejam ver, mas é preciso que vejam.
5.1-2	1	non insultans, sed gemens et dolens ponam [haec dico] (...). [Ecce] Ponam ante oculos uestros mala ipsa quae fiunt; et qui [superbo et rebelli spiritu se emendare noluerit, impletur in eo illud quod scriptum est:] in sordibus est sordescat adhuc, iustus autem iustiora faciat, et sanctus sanctiora.	Porei diante de seus olhos os maus que aconteceram, e aquele que [cujo espírito soberbo e rebelde não quer emendar, nesse será completo o que está escrito] está na imundice/nas sujeiras que se suje mais, porém que o justo se faça mais justo, e o santo, mais santo.
5.3	1	Non enim spes bonorum in isto est mundo posita: Spes enim quae uidetur, ait apostolus, non est spes; quia et ipsa spes mundi, quae uidebatur [videtur], in amaritudinem uersa est. Amaram enim potionem mundus suis dilectoribus propinauit.	Pois a esperança dos bons não está posta neste mundo: pois a esperança que se vê, diz o Apóstolo, não é esperança; porque também esta própria esperança no mundo, que era vista [se vê], foi vertida em amargura. Pois o mundo deu aos seus amantes uma poção amarga.
5.4	2	Vos alloquitur ueritas, o dilectores mundi: Vbi est, quod amabatis? ubi est, quod pro magno tenebatis? Ubi est, quod dimittere nolebatis? {ubi est Africa, quae toto mundo fuit uelut hortus deliciarum?} ubi tot regiones? Ubi tantae splendidissimae ciuitates ?	A verdade se dirige a vocês, ó, amantes do mundo: onde está o que amavam? Onde está aquilo que mais tinham em grande estima? Onde está aquilo que não queriam abandonar? {Onde está a África, que para todo mundo era como um jardim das delícias?} Onde (estão) tantas províncias? Onde (estão) tantas cidades esplendíssimas?
5.5-16*	2	Nonne tanto haec acerbius castigata est, quanto aliis prouinciis emendatis ista corrigendo noluit suscipere disciplinam ? Lugendo ista potius dicta sint, quam insultando : neque enim alienus poterit esse ab istis calamitatibus, quem intus compassionis huius pius tangit affectus. Magno affectu ista deputarentur, si tantummodo audirentur : at cum oculos nostros dira haec calamitas feriat, mortuorumque hominum sepeliendis cadaueribus nullus occurrat, omnes uicos omnesque plateas atrox mors, totam quodammodo foedauerit ciuitatem; considerantes etiam illa mala, matres familias captiuas abductas, praegnantem abscisas, nutrices euulsas e manibus paruulis atque in uia semiuiuus proiectis, quae nec uiuos potuerunt filios retinere, nec mortuos permissae sunt sepelire ... Cruciatu in utroque magnus et dolor : hinc dolet uiuum auius canibusque proiectum suum paruulum, hinc metuit offendere dominum barbaricum; dolor et timor tortores cordis assistunt. Inposita etiam insolita humeris pondera : animam tantis cruciatibus lassatam, graui pondere fatigatur et corpus ; et maxime a talibus	Não é verdade que foi esta província tanto mais duramente castigada porque não quis aceitar a disciplina para se corrigir, enquanto outras províncias foram corrigidas? Estas coisas foram ditas mais lamentando do que insultando: porque não conseguirá ficar alheio perante tais calamidades aquele que o pio afeto da compaixão deles(as) toca intimamente. Estas coisas seriam consideradas com grande afeto, se ao menos fossem ouvidas: mas quando esta calamidade terrível atinge nossos olhos, e ninguém ocorre aos cadáveres das pessoas mortas que devem ser sepultadas. Todos os becos e todas as ruas e de algum modo a cidade inteira essa morte atroz terá poluído. Estes males que também devem ser considerados, mães de família sequestradas e (portanto,) cativas, grávidas cortadas, enquanto as lactantes, tendo seus pequenos arrancados das mãos e lançados semivivos na rua, não puderam nem reter seus filhos vivos, nem tiveram permissão para enterrá-los mortos. Há um grande tormento e dor numa e noutra: aqui sofre sua criancinha lançada viva aos cães e às aves; lá, ela teme ofender o senhor bárbaro, a dor e o temor são aliados dos

Paulo Duarte Silva
**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE
 A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**



		<p>feminis hoc impia barbarica potentia exegit, ut ea, quae se sciebat multorum mancipiorum fuisse dominam, barbarorum se subito sine uno pretio lugeret ancillam. Impletum est illud, quod dictum est per prophetam Daud : Vendidisti populum tuum sine pretio, et non fuit multitudo in iubilationibus eorum. Dura ab eis seruitia sine ulla misericordia humanitatis a barbaris exiguntur. Strepitus clamoris huius cotidie in auribus nostris ab eis qui coniuges, parentes, illo impetu perdiderunt exurgit. Dum talia conspiciamus, atque talia uidemus, numquid ferreae sunt carnes hominum, etiamsi sensus ferreus in aliquibus inuenitur ? Quis ista audiens uidensque non doleat, atque in eis et qui perpassi sunt se potius quam illos plangat ? “Quis dabit capiti meo aquam, et oculis meis fontem lacrimarum, et plorabo die ac nocte uulneratos filios plebis meae” (...) ? Deficiunt flendo oculi eorum, qui considerant non solum mortes corporum, uerum etiam animarum.</p>	<p>torturadores de coração. Sobre os ombros também são colocadas coisas pesadas e inusitadas: por um lado, a alma está cansada por tantos tormentos; por outro, o corpo está fatigado pelo grande peso (peso pesado). E especialmente esse poder bárbaro ímpio exigiu de tais mulheres, de que aquela que se sabia ter sido senhora de muitos escravos, se lamentou subitamente ter se tornado escrava barata dos bárbaros. Cumpru-se aquilo que foi dito pelo profeta Davi: Vocês venderam seu povo barato/por um preço vil, e não foram em muito nos júbilos deles. Duras servidões são exigidas delas pelos bárbaros sem qualquer misericórdia da humanidade. Vem aos nossos ouvidos o barulho deste grito daqueles que perderam cônjuges, parentes, com aquele ataque. Enquanto tomamos conhecimento e vemos tais coisas, será mesmo que as carnes dos homens não são feitas de ferro, embora se encontre em alguns uma sensação férrea? Quem não sofre ouvindo e vendo estas coisas, e não se lamenta mais por si do que por aqueles que (as) suportaram? Aquele que me der água a minha cabeça, e aos meus olhos uma fonte de lágrimas, e então chorarei dia e noite os filhos feridos do meu povo? Chorando, ficam feridos os olhos daqueles que consideraram não somente a morte dos corpos, mas também das almas.</p>
6.2-4	2	<p>Multos enim consideramus [cognovimus] in ista uastatione sine sacramento baptismi ex ista uita fuisse ereptos, atque inter uasa irae inxpiatas animas fuisse relictas. Quis luctus idoneior, quis planctus certior inueniri potest, quando sic ira exarsit omnipotentis, ut repelleret tabernaculum suum in quo habitauit in hominibus, et ille, qui unico filio non pepercit, sed pro nobis tradidit eum, nec pretium tanti sanguinis attenderet; Quando intus in corde nostro, templo [scilicet] quia dignatus est[,] suo {}, ita omnia uiolata esse perspexit, ut etiam ipsa sanctificata, in quibus fidelium sacramenta celebrabantur, hostibus tradere non dubitauerit ; nullae ecclesiae, nulli clerico, nullae sacratae uirgini, nullae parcere ciuitati ?</p>	<p>Pois consideramos [reconhecemos] que muitos tenham sido arrancados desta vida nesta devastação sem o sacramento do batismo, e que (su)as almas tenham sido deixadas inxpiadas entre os vasos da ira. Que luto é mais idôneo, que choro mais certo pode ser encontrado, irrompeu tanto a ira do onipotente que ele arrancou seu tabernáculo no qual habitava entre os homens, e ele que não poupou seu único filho, mas o entregou por nós, não se importando com o preço de tamanho sangue. Quando ele examinou dentro de nosso coração, [certamente] seu templo porque foi dignado desse modo, tudo estava violado, de tal que as próprias coisas santificadas, com as quais se celebravam os sacramentos dos fiéis, não hesitou entregar às hostes e em poupar nenhuma igreja, nenhum clérigo, nenhuma virgem consagrada, nenhuma cidade?</p>

Paulo Duarte Silva

POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO”: SERMÕES SOBRE A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)



Paulo Duarte Silva

Professor Adjunto da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Membro do Programa de Pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Juntamente com as professoras Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva e Leila Rodrigues da Silva e o Professor Paulo Pachá, é Coordenador do Programa de Estudos Medievais. Além disso, é participante dos seguintes Grupos de Pesquisa registrados no CNPq: "Dominium: Estudos sobre Sociedades Senhoriais" (UFS); "REIA - Rede de Estudos Ibéricos e Íbero-Americanos" (UFG); "LEOM - Laboratório de Estudos de Outros Medievos" (UFPE) e "Repertorium" (UFES).

Paulo Duarte Silva

**POR SEUS MAUS COSTUMES E CLAMORES O MUNDO FOI PERTURBADO": SERMÕES SOBRE
A AMEAÇA BÁRBARA EM CARTAGO E EM ARLES (437-512)**